



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Projeto Pixinguinha**

Brasília-DF, 09 de junho de 2004

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu querido companheiro João Paulo Cunha, presidente da Câmara dos
Deputados,

Meu querido companheiro Gilberto Gil, ministro de Estado da Cultura,
Meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,
Meu querido companheiro Grassi, presidente da Funarte,
Minha querida companheira Marisa,
Meu caro governador Flamarion, governador do estado de Roraima,
Minha querida Kátia, presidente da Frente Nacional dos Prefeitos, nossa
querida prefeita de Alagoas,
Companheiros prefeitos que estão aí,
Secretários de Cultura dos estados,
Meus companheiros e companheiras artistas do nosso querido Brasil,
Meu querido Wagner Tiso, que está quietinho ali, no seu canto,

Hoje, até a chamada Imprensa que manda na República está presente
aqui. Isso, por conta de vocês.

Uma das prioridades de meu governo, e eu sempre faço questão de
afirmar isso, tem sido retomar os bons projetos públicos já existentes, que por
alguma razão tenham sido interrompidos ou estejam inacabados. E nós
queremos reiniciá-los ou concluí-los.

O nosso único critério tem sido o interesse público. Se o projeto é bom,
não importa quem teve a idéia, não importa quem o começou. O interesse
público não pode ter cor partidária, nem pode estar ligado a nomes. O que



importa é o benefício que o projeto vai trazer para a nossa população. Tem sido assim em vários setores: nas ferrovias, nas hidrelétricas, nas pontes, na educação. E não poderia deixar de ser diferente, quando se trata da cultura brasileira.

Esta solenidade marca o relançamento do Pixinguinha, o mais importante e mais bem-sucedido projeto público de difusão musical do nosso país. O projeto Pixinguinha renasce através do Ministério da Cultura, da Funarte e com o renovado patrocínio da nossa querida filha mais rica, a Petrobrás.

Responsável pelo lançamento ou pela difusão nacional de grandes nomes da música popular brasileira, o Pixinguinha começou em 1977 e foi abruptamente interrompido quando completava 20 anos, exatamente no ano do centenário de nascimento do seu patrono.

Ainda em 2004, o Pixinguinha levará cerca de 40 artistas, entre consagrados, emergentes e novatos, a 27 capitais e mais 12 cidades do interior do país. Noventa e três shows e 84 músicos acompanhantes. Eu espero que atinja um número extraordinário de brasileiros que, por razões, eu diria, até econômicas, estão muitas vezes proibidos de assistir shows em casas de cultura, no nosso país. Por isso, é importante lembrar que nós vamos cumprir os compromissos assumidos por outros governos e realizar os shows de 14 artistas que estavam contratados quando Pixinguinha foi interrompido. Portanto, a luta continua, e mesmo depois de tantos anos parado, nós vamos cumprir os contratos. Quem sabe a Funarte leve em conta que, de 1977 até agora, houve mudanças na economia e que os valores precisam ser mais ou menos corrigidos porque, se não tomar cuidado, é capaz de a Funarte querer pagar o preço contratado à época, sem nenhuma correção.

Alfredo da Rocha Viana Júnior, o Pixinguinha, é o pai da música brasileira. Flautista virtuoso e compositor genial, foi também maestro e arranjador. Ao misturar a música de Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e



dos primeiros chorões com ritmos africanos, estilos europeus e a música negra americana, ele fez surgir um estilo genuinamente brasileiro. Ninguém melhor do que ele, portanto, para dar nome a este projeto.

Através do Pixinguinha, estamos ampliando as condições de acesso da população à produção cultural de qualidade. Além de divulgar músicos consagrados e novos, muitos deles ausentes da grande mídia, às vezes, por critérios não artísticos, o Pixinguinha atende a um público que não tem condições de comprar ingressos nas casas de espetáculo do nosso país. Estamos propiciando a regionalização de shows de qualidade em cidades que raramente receberiam artistas consagrados. Estamos estimulando o intercâmbio regional, na medida em que artistas locais ganham a chance de se apresentar nas capitais.

Estamos, também, fortalecendo o Sistema Nacional de Cultura através do estímulo à efetivação de parcerias com as Secretarias Estaduais de Cultura e, também, com as Secretarias Municipais de Culturas.

Meus companheiros,

Minhas companheiras,

Meus amigos e minhas amigas,

Todos sabem que a prioridade número um do nosso governo é a conquista do desenvolvimento sustentável, que leva à geração de empregos e à inclusão social. É para esse objetivo maior que convergem todo nosso pensamento e todas as nossas ações. Alguns imaginam, de forma errada, que a cultura não faz parte dessa complexa equação. Em nossos dias, ao mesmo tempo em que precisamos, cada vez mais, nos integrar ao mundo, devemos fortalecer também a nossa identidade, a nossa diferença, os nossos valores. São exatamente eles que constituem os principais instrumentos de nossa inserção soberana no mundo.

Ao estimular a divulgação da música genuinamente brasileira, além de contribuir para a formação de novos mercados para a produção cultural,



através da ação do Estado, o governo fortalece o que temos de mais precioso, que é a nossa identidade, é a cultura nacional. É exatamente isso que significa o projeto Pixinguinha.

Eu quero dizer ao companheiro Gilberto Gil, nosso querido ministro da Cultura, e a toda sua equipe: eu sei que essas coisas são resultado de trabalho de equipe; eu sei do sacrifício que vocês fizeram no primeiro ano de governo; eu sei o quanto foi difícil trabalhar com pouco dinheiro; eu sei o quanto foi difícil arrumar a casa; eu sei o quanto foi difícil contratar algumas pessoas que eram extremamente necessárias, montar uma equipe para dirigir o Ministério da Cultura. E eu sei o quanto o nosso companheiro Gilberto Gil precisava provar, não para os artistas brasileiros, mas para a sociedade brasileira, que o Ministério da Cultura tinha, senão pela primeira vez, mas tinha um ministro que não falava de cultura apenas porque conhecia academicamente a questão da cultura, ou porque pensava a cultura apenas do ponto de vista da sua sabedoria intelectual. Pela primeira vez a gente tem um ministro da Cultura que é a síntese da cara cultural deste país, um ministro que não tem que provar que entende de cultura, um ministro que não tem que provar que tem compromisso com a cultura, um ministro que tem que ter apenas a paciência de deixar as coisas irem acontecendo, de acordo com o tempo que as coisas têm que acontecer.

Toda vez que a gente tenta apressar para que alguma coisa aconteça, nós acabamos evitando que essa coisa aconteça. Há sempre um tempo de maturação. E eu acho que o Ministério da Cultura está, hoje, no seu momento mais importante para justificar a sua existência no nosso país e para mostrar que o Gilberto Gil não foi escolhido ministro da Cultura para ser mais um ministro da Cultura. Eu tenho certeza, meu querido Gilberto Gil, que o tempo vai se encarregar de fazer com que todos nós – teus amigos, teus companheiros, mas também os inimigos, porque os temos, às vezes não tão transparentes como os amigos, mas os temos – quando terminar a sua gestão



no ministério da Cultura, ninguém vai dizer: “o Gilberto Gil foi ministro da Cultura.” As pessoas vão dizer: “o Gilberto Gil foi o ministro da Cultura do nosso país.”

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.

rss/vpm